



# Tosse convulsa. Direção-Geral da Saúde quer vacinar grávidas para proteger bebés

**Crianças.** Infecção respiratória tem vindo a aumentar na última década, justificando soluções como a colocada em prática em Inglaterra

DIANA MENDES

Seguir o exemplo inglês para proteger mães e filhos contra a tosse convulsa. A ideia é da Direção-Geral da Saúde, que está a estudar a possibilidade de vacinar as grávidas para garantir que os bebés ficam protegidos com os anticorpos da mãe até à altura de serem vacinados. A opção foi tomada em Inglaterra depois de realizados vários estudos sobre como combater a infeção respiratória que está a gerar preocupação, uma vez que, apesar da existência de uma vacina, tem havido um aumento de casos na última década. Em Portugal foram 74 no ano passado, um número baixo, mas que é cinco vezes maior do que o de 2010.

Graça Freitas, a subdiretora-geral da Saúde, explicou ao DN que sempre houve registo de situações de tosse convulsa. "Temos casos anuais, embora costumem ser poucos, mas isso não quer dizer que não haja picos", alertou. Foi o que se passou em 2012, o ano em que atingiu um recorde de 225 casos, na sua maioria antes de completar 1 ano. Desde então, o número baixou.

A doença em recém-nascidos é particularmente perigosa e tem provocado algumas mortes ao longo dos últimos anos. "Em 2012, houve quatro e em 2013 registaram-se duas. Todas em crianças pequenas. Resta apurar os dados desde 2014. É importante que os médicos estejam atentos a esta possibilidade. A falta de contacto com a doença torna-a por vezes difícil de diagnosticar e gera tratamentos mais tardios", sublinhou a responsável.

As razões para o ressurgimento da doença não são conhecidas. "Estamos a estudar as causas. Não percebemos por que razão os adultos não ficam imunizados toda a vida. Como já não são da era da doença, ao fim de 20 ou 30 anos têm formas suaves de tosse convulsa de que nem se apercebem. Se estiverem em contacto com crianças ainda não vacinadas, antes dos 2 meses, acabam por transmitir o bacilo a crianças", disse Graça Freitas.

Recentemente, o diretor-geral da Saúde, Francisco George, explicou que a tosse convulsa "é um problema nas crianças em Portugal, mas que existe na Europa e até nos EUA". E avançou que uma das explicações é a vacina "ter sido mudada. Prova-



Graça Freitas, a subdiretora-geral da Saúde, diz que há várias hipóteses em avaliação

velmente não tem os mesmos níveis e a importância para induzir a formação de anticorpos. Esta alteração terá permitido fazer circular o bacilo sobretudo em adultos".

Graça Freitas questiona se será esta a razão, ou se a bactéria é mais agressiva. A vacina pode estar a perder eficácia ao fim de algum tempo. A verdade é que, além de estarem a apurar as causas, os países estão a estudar eventuais soluções.

## Não vacinar ou vacinar grupos?

Em 2010, a DGS estava a estudar a hipótese de vacinar os jovens entre os 18 e os 20 anos, mas agora há mais hipóteses na mesa. "A Comissão Técnica de Vacinação está a estudar soluções, mas uma das mais

viáveis é a vacinação das grávidas, tal como estão a fazer os ingleses." À partida, reconhece, será uma solução mais custo-efetiva, já que permitirá fazer "uma vacinação cirúrgica" e não a todos os adultos, que é outra hipótese em análise. "O que sabemos é que ao vacinar as grávidas os anticorpos passam para os filhos. Depois, aos 2 meses, as crianças já são vacinadas." Quanto aos riscos para a gravidez, Graça Freitas acredita que são reduzidos e estão estudados. Uma eventual decisão, que nunca será antes do fim do verão, terá isso em conta: "Apesar de tudo temos de ver que a vacinação das grávidas é sempre um tabu, por isso temos de ver se se justifica perante os níveis de adesão." As outras alternativas, como a vacinação dos adultos, não foram ainda afastadas. "Podemos manter o programa como está, se virmos que os casos não justificam, vacinar os adultos ou os adolescentes antes de serem pais."

O pico de casos de tosse convulsa ocorreu em 2012, altura em que houve 225 casos. Um boletim do Instituto Ricardo Jorge confirma um "aumento relevante principalmente no grupo dos lactentes, sendo de assinalar uma maior incidência entre o primeiro e o segundo mês de idade, bem como na faixa de idade superior a 13 anos". E conclui que este continua a ser um problema de saúde pública pela dinâmica de transmissão, sugerindo o desenvolvimento de estratégias.

## Cuidados a ter com as crianças

Ainda não há uma decisão quanto a uma eventual vacinação e em que grupos, mas até lá a DGS recomenda cuidados especiais, em especial com os recém-nascidos. "Até aos 3, 4, 5 meses temos tido alguns problemas. Por isso, tem de haver muito cuidado. Os adultos que visitam as crianças devem ter em atenção que devem usar máscara", frisou Francisco George. Em alternativa, e perante sintomas como a presença de tosse, podem evitar contacto com crianças desta idade.

A doença é causada pela bactéria *Bordetella pertussis*, que provoca ataques de tosse que levam a uma inspiração longa, profunda e produzem um som agudo. Geralmente, os sintomas surgem entre o 7.º e o 10.º dias após exposição. A maioria das crianças recupera, mas 1% a 2% acabam por morrer.

## PREVENÇÃO

### Risco de doença cai 91% nos bebés

Um estudo publicado na revista científica *The Lancet*, em 2014, revelou que os bebés que nasceram depois de a mãe ter sido vacinada tiveram uma redução do risco de tosse convulsa de 91% logo nas primeiras semanas de vida. O Reino Unido criou em 2012 um programa de vacinação da grávida. E decidiu alargá-lo até 2019, pelo menos, depois de ter contribuído para baixar a incidência da doença e o número de mortes. Em 2012, foram diagnosticados dez mil casos em Inglaterra e no País de Gales. Um estudo com 20 mil grávidas vacinadas do Reino Unido revelou que a vacina não traz riscos para o bebé.